Uma leitura crítica dos estudos de comunidade no Brasil: apresentação ao texto de Gioconda Mussolini

Andrea Ciacchi

Gioconda Mussolini nasceu em São Paulo, no Bom Retiro, em 1913, filha de um imigrante italiano que havia chegado ao porto de Santos em 1888. Terceira de sete irmãs, ela foi a única que permaneceu solteira e teve acesso à educação superior. Concluída a escola normal (1932) e após dois anos de estudos de aperfeiçoamento no Instituto de Educação, que acabara de ser criado por Fernando de Azevedo, em 1935 Gioconda foi admitida, como professora primária comissionada, no curso de Ciências Sociais da recém criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - FFCL. Lá, foi aluna dos mestres da "Missão Francesa" (Lévi-Strauss, Braudel, Arbousse Bastide, Monbeig, Magüé) e colega de Gilda de Mello e Souza (então Moraes Rocha), Mário Wagner Vieira da Cunha, Ruy Coelho, Décio de Almeida Prado e Egon Schaden, entre outros.

Logo após a conclusão do curso, em 1938, ao invés de iniciar a carreira de professora primária a que parecia destinada, Gioconda foi convidada a integrar a equipe do "Centro de Pesquisas e Documentação Social" da Cadeira de Sociologia I da FFCL, regida por Paul Arbousse Bastide (mas que mudará de chefia em 1941, com Roger Bastide, que havia chegado, nesse mesmo ano de 1938, em substituição a Lévi-Strauss, de regresso à Europa[1]) e onde, mais tarde[2], se tornaria Auxiliar de Ensino. A pessoa responsável pelo convite, portanto, deve mesmo ter sido Arbousse Bastide, seu ex-professor. Gioconda ficará colaborando com "Bastidão" durante três anos (até 1941) e mais três anos (até 1944) com "Bastidinho". Nesse começo de anos 40, ela também frequenta o Mestrado em Ciências da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde foi colega de Florestan Fernandes, defendendo em 1945, sob a orientação de Herbert Baldus, a dissertação *Os meios de defesa contra a moléstia e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Bororó Oriental*. Na banca, além de Baldus, sentaram Mário Wagner Vieira da Cunha, Donald Pierson, Octávio da Costa Eduardo e Emílio Willems.

A "virada" institucional acontece contemporaneamente à conclusão do mestrado: a sua cada vez mais forte inclinação teórico-metodológica para a antropologia leva Gioconda a se transferir para a Cadeira de Antropologia, criada em 1941 e regida, até 1949, por Willems. Inicia-se aí a sua carreira docente, que fez dela uma das professoras mais afetuosamente lembradas pelos alunos da Faculdade de Filosofia, entre os quais Fernando Novais, Eunice Ribeiro Durham, Ruth e Fernando Henrique Cardoso, José de Souza Martins, Luiz Mott, Antonio Carlos Diegues e Antonio Augusto Arantes (Ciacchi, 2007b). Paralelamente, também desde meados da década de 40, ela volta seus interesses de pesquisa para as comunidades caiçaras do litoral norte do Estado de São Paulo e, sobretudo, para os aspectos sociais e culturais da principal atividade econômica dessas populações, a pesca. O campo da antropologia marítima, no Brasil, tem em Gioconda Mussolini o nome da sua fundadora.

* * *

Em 1954, ano do IV Centenário da capital paulista, acontece em São Paulo o xxxi Congresso Internacional de Americanistas. Como é natural, a presença de cientistas sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP é maciça. Ao lado de colegas como Antonio Candido, Antonio Rubbo Müller, Egon Schaden, Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Oracy Nogueira, Octávio da Costa Eduardo, Paula Beiguelman, Ruy Coelho, entre outros, e de antropólogos de outras instituições e de gerações distintas, como Candido Mariano Rondon, Heloísa Alberto Torres, Luiz de Castro Faria, Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira e Harald Schultz (todos fixados no Rio de Janeiro), José Loureiro Fernandes (Paraná), René Ribeiro e Thales de Azevedo (Nordeste), Herbert Baldus (ESP) e estudiosos e professores residentes no exterior, mas com significativa passagem pelo Brasil nos anos de formação e de atuação profissional da nossa autora, como Alfred Metraux, Charles Wagley e Donald Pierson[3], Gioconda Mussolini apresenta a comunicação "Persistência e mudança em sociedades de 'folk' no Brasil", publicada nos Anais do Congresso no ano sucessivo.

Trata-se do seu trabalho de maior relevância teórica e que, embora não tematize diretamente populações pesqueiras, mais ilumina os artigos dedicados à temática principal da sua trajetória intelectual. Colocado, cronologicamente, no meio dessa trajetória, este estudo serve para subsidiar a fundamentação teórica da autora, nem sempre explícita nos seus textos mais etnográficos, e para apontar os rumos que trilharia se a ele não seguisse, na realidade, um longo silêncio bibliográfico, culminado com a não conclusão da sua tese de doutorado e, finalmente, com a sua morte, em 1969. Ao mesmo tempo, o artigo também constitui uma prestação de contas de Gioconda Mussolini com o seu contexto epistemológico e disciplinar, mostrando como, mais de quinze anos após a conclusão do seu curso na FFCL, ela filtrava e selecionava influências diretas e indiretas, abordagens e paradigmas metodológicos, inclusive em diálogo com o que a cadeira de Sociologia i, em particular, exatamente nesse período de transição entre Roger Bastide e Florestan Fernandes, que lhe oferecia uma "alternativa" teórica viável e concreta.

O filtro aciona-se principalmente para a lição que, a partir da Escola de Chicago, e através de alguns dos seus antigos professores, como Donald Pierson e Emilio Willems, sobretudo, havia colocado a produção de Gioconda Mussolini – algo implicitamente, na verdade – no cenário brasileiro dos "estudos de comunidade". Manifestando claramente a sua opção por um tratamento histórico dos dados empíricos registrados nas etnografias, ela se situa ao lado do seu também velho mestre, o geógrafo francês Pierre Monbeig, reivindicando que só esse tratamento, capaz, portanto, de distinguir entre as "zonas velhas" e as "zonas pioneiras", permitiria apreender a dinâmica social e cultural que envolve "conservantismo" e "mudança". Em outras palavras, o texto de Gioconda, declarando desde os seus primeiros momentos a opção por uma metodologia atenta à dialética entre persistência e mudança, constrói um roteiro teórico que inclui Monbeig, para logo em seguida descartar, em Chicago, Robert Redfield, para, passando à Califórnia, indicar a sua preferência pelos estudos de George M. Foster, professor em Berkeley. Nisso, elegantemente, mas com firmeza, ela critica tanto Emilio Willems como Donald Pierson, seus ex-professores, mas fiéis seguidores, no Brasil, da lição de Redfield:

> Quase que invariavelmente [...] os estudos de comunidade realizados no Brasil revelam [...] interesse definido da parte dos seus autores por

> áreas nas quais se espera verificar a qualidade da "organização cultural" e estabilidade social, selecionando-se, por esta razão, pontos que, além de situados nas "zonas velhas" de povoamento, sejam o suficiente isolados para que se anteveja a possibilidade de concretização daquela expectativa [...]. Implícita ou explicitamente, alguns destes estudos, pelo menos[4], têm procurado testar no Brasil as conclusões de Redfield e, desta forma, têm prescindido grandemente de uma investigação histórica rigorosa das comunidades estudadas [...] (p. 338).

A crítica de Gioconda, portanto, não se limita à opção metodológica, mas chega a atingir os critérios de seleção das comunidades estudadas por alguns dos seus colegas e ex-professores, acusados de escolher desonestamente (ou pelo menos sem "rigor") os seus campos de pesquisa. Mas era essa a atitude mais frequente no campo da antropologia paulista e, até então, as únicas críticas a ela haviam surgido no campo da sociologia e, especialmente, a partir dos integrantes mais destacados da Cadeira de Sociologia I: o seu catedrático, Roger Bastide, e o seu primeiro assistente, Florestan Fernandes[5].

A posição de Gioconda Mussolini, assim, volta-se contra a atitude "culturalista" que Willems, principalmente, havia legado ao campo paulista da antropologia, sobretudo nos anos 40, atitude à qual não é possível vincular o nome da nossa jovem professora, a qual, com repetidas referências a artigos do seu antigo chefe na cadeira de Sociologia, Roger Bastide, parece alinhar-se ao lado dos ex-colegas, reivindicando uma atenção mais efetiva para as questões "sociais", históricas e econômicas.

E não é outra a sua posição nos artigos dedicados à pesca e às dinâmicas socioculturais das populações tradicionais do litoral paulista, de forma que a sua vinculação à "vertente culturalista" só pode ser atribuída (e mesmo assim com muito cuidado) a sua atuação docente, realizada, de 1944 a 1949, sob a direção do próprio Willems e, desse ano até 1967, sob a chefia de Egon Schaden, ele próprio um entusiasta seguidor da postura de Willems, de quem fora primeiro assistente na cadeira de antropologia até 1949. Mas o distanciamento de Gioconda Mussolini da "modalidade clássica de realização" dos estudos de comunidade[6] é nítido. O que, aliás, parece resolver a questão relativa à autoria da monografia de Willems (1952) sobre a ilha de Búzios[7], em que o nome de Gioconda Mussolini, na capa do livro, aparece, acredito, à sua própria revelia teórico-metodológica. As diferenças entre esse estudo e o anteriormente publicado pelo professor alemão e dedicado à vila de Cunha e criticado por Gioconda são palpáveis.

Assim, neste texto de 1954, num só gesto, Gioconda marca a sua posição teórica, coloca-se com clareza em um dos dois campos em disputa e, dessa forma, sela uma espécie de "traição" aos seus colegas da cadeira de Antropologia da FFCL, inclusive ao seu chefe e futuro orientador, Egon Schaden. É nessa chave, portanto, que não só devem ser lidos o significado e o alcance dos seus estudos sobre pesca, mas também, e sobretudo, deve ser avaliada a posição institucional que ela ocupa e deve ser interpretado o destino que o seu próprio campo acadêmico lhe reservou. E, obviamente, nisso reside a relevância do texto ora republicado para a história das ciências sociais no Brasil.

* * *

Em 1980, o prof. Edgar Carone, também ex-aluno de Gioconda, que falecera prematuramente em maio de 1969 por causa de um aneurisma cerebral sofrido poucas horas depois de ministrar uma aula nos precários barracões da nova cidade universitária da USP, reuniu no volume *Ensaios de Antropologia Indígena e Caiçara* a dissertação de mestrado e os artigos

sobre a pesca de Gioconda Mussolini, originariamente publicados na revista *Sociologia* (fundada e dirigida por Donald Pierson) e na *Revista de Antropologia*, fundada por Egon Schaden. A essa coletânea, que teve o mérito de tornar disponível o grosso da produção intelectual de Gioconda Mussolini, faltaria acrescentar esta comunicação de 1954, de dificílima localização por ter sido publicado apenas nos Anais do Congresso de Americanistas, no ano de 1955. A iniciativa da *Cadernos de Campo* de preencher essa lacuna é, portanto, mais do que oportuna e louvável.

Notas

1 Sobre a "dança" das Cadeiras de Sociologia, mas que também envolve a de Direito Político, regida por Roger Bastide entre 1938 e 1941, e com rebatimentos sobre o processo de criação da Cadeira de Política e extinção da de Direito Político, veja Quirino (1994), Pulici (2008), Jackson (2007) e Silva (2008). O resultado da "dança", em 1941 (com a interveniência, em julho desse ano, do Decreto Federal 12.038 e, em janeiro do ano sucessivo, do Decreto 12.511, que reformavam vários aspectos do ensino superior no Brasil e sobretudo das Faculdades de Filosofia) foi que a cadeira de Sociologia I foi ocupada por Roger Bastide, a II por Fernando de Azevedo, a recém criada de Antropologia por Emilio Willems e a de Política, também novata, por Arbousse Bastide.

2 Não localizei a data desta promoção na documentação da USP.

3 A relação completa está nas páginas iniciais dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas de São Paulo. Emilio Willems, já estabelecido em Vanderbilt há dois anos, está ausente do Congresso.

4 Em nota de rodapé, a autora cita a monografia de Emilio Willems (1947) sobre Cunha e a de Donald Pierson (1951) sobre Cruz das Almas, os seus verdadeiros alvos.

5 Cf. "Debate" travado no "Symposium sobre classes sociais", publicado no volume x da revista *Sociologia*, em 1948, em que, sobretudo, a contraposição explícita se dá entre Emilio Willems, de um lado, e Florestan Fernandes, do outro. Só mais tarde se travará debate semelhante, com contraposição entre Oracy Nogueira (a favor dos estudos de comunidade) e Octávio Ianni (contra). Cf. Corrêa (1995) e Peixoto e Simões (2003).

6 Cf: Moreira (1963).

7 A autoria do livro é de Emilio Willems, "in collaboration with Gioconda Mussolini". Sobre esta questão, cf. Ciacchi (2007).

Referências bibliográficas

CIACCHI, Andrea. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. *Revista de Antropologia*, 50 (1), p. 181-224, 2007.

CIACCHI, Andrea (2007b). As testemunhas do silêncio: Gioconda Mussolini entre lembranças e esquecimentos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 31º., 2007, Caxambu. *Anais do 31ª Reunião Anual da ANPOCS*. Caxambu: Hotel Glória, 2007. Disponível em: <http://201.48.149.89/anpocs/AprovacaoSt.asp?IdAtividade=230&tipo=E#>. Acesso em: 13 nov. 2009.

CORRÊA, Mariza. A Antropologia no Brasil (1960-1980). In: Miceli, Sérgio. (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré/Fapesp, v. 2, 1995. p. 25-106.

FERNANDES, Florestan. A análise sociológica das classes sociais, *Sociologia*, 10, p. 91-113, 1948.

JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969), *Tempo social*, 19 (1), p. 115-130, 2007.

MOREIRA, Maria Sylvia Franco. O estudo sociológico de comunidades, *Revista de Antropologia*, 11 (1/ 2), p. 29-39, 1963.

MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaios de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MUSSOLINI, Gioconda. Persistência e mudança em sociedades de "folk" no Brasil. In: XXXI Congresso Internacional de Americanistas, 1955, São Paulo. *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, Anhembi, vol. I, 1955, p. 333-353.

PEIXOTO, Fernanda Arêas e SIMÕES, Júlio Assis. A *Revista de Antropologia* e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates, *Revista de Antropologia*, 46 (2), p. 383-409, 2003.

PIERSON, Donald. *Cruz das Almas.* A Brazilian village. Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication n.12, 1951

PULICI, Carolina. *Entre Sociólogos*: versões conflitivas da "condição de sociólogo" na USP dos anos 1950-1960. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

QUIRINO, Célia. Departamento de Ciência Política. *Estudos Avançados*, 8 (22), p. 337-348, 1994.

SILVA, Dimitri Pinheiro da. *A trajetória acadêmica de Paula Beiguelman.* Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WILLEMS, Emilio. Velhos e novos rumos no estudo das classes sociais, *Sociologia*, 10, p. 76-90, 1948.

WILLEMS, Emilio [in cooperation with Gioconda Mussolini]. *Buzios Island:* a caiçara community in southern Brazil. Seattle: University of Washington Press, 1952.

_____. *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural no Brasil*. São Paulo: s.n., 1947.

autor **Andrea Ciacchi**
Professor do Departamento de Ciências Sociais/UFPB
Doutor em Estudos Ibéricos/ Universidade de Bologna

Recebida em 13/11/2009
Aceita para publicação em 13/11/2009